

RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FAMÍLIA: EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ACOLHEDORA

RELATIONSHIP BETWEEN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND FAMILY: IN SEARCH OF A WELCOMES EDUCATION

RELACIÓN ENTRE LA EDUCACIÓN INICIAL Y FAMILIA: EN BÚSQUEDA DE LA EDUCACIÓN CONGRATULA

*Sandra Regina Mantovani Leite

**Alonso Bezerra de Carvalho

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar considerações sobre a importância da relação instituição familiar e instituição de educação infantil, com vistas a propiciar à criança uma educação acolhedora. Uma educação que se efetivará com ações de cuidado e acolhimento, afeição e carinho, com a família e a escola assumindo suas responsabilidades e atuando de forma integrada. Para tanto, também apontaremos a indissociabilidade entre educação e cuidado, como uma das formas de potencializar ações que favoreçam a interação humana. Assim, este texto tem como meta se constituir um momento de reflexão para todos os envolvidos na prática educativa, apresentando possibilidades, inquietações, indagações e aspirações para uma educação que se torne mais humana para a criança. Acreditamos que as práticas realizadas num ambiente acolhedor, em que às crianças, suas famílias e professores tenham voz e vez, com possibilidades de compartilhar experiências e ideias transformam a Escola num espaço humanizador.

Palavras-chave: Educação Infantil. Família. Criança. Cuidados.

INTRODUÇÃO

Ideias e noções sobre a criança, sua infância e as relações familiares são historicamente construídas e, conseqüentemente, vêm mudando ao longo do tempo, não se apresentando as mesmas numa mesma sociedade, numa mesma época. Dessa forma, na contemporaneidade a criança é entendida como sujeito de direitos, em processo de humanização cultural, com possibilidades, interesses e necessidades próprias da sua fase. Esta percepção de criança ativa que constrói a sua própria humanidade, se relaciona com os outros em busca de novas intervenções e conhecimentos, nos apresenta um novo paradigma para as duas instituições que se relacionam com ela: a Instituição de Educação Infantil e a Instituição Familiar.

A Educação Infantil institucionalizada que precisa se preocupar com a qualidade das interações estabelecidas com a criança e sua infância, possibilitando o seu pleno desenvolvimento. A família que precisa possibilitar meios de socialização e afeição, apoio e interação com a instituição educativa buscando a autonomia, como também o desenvolvimento dessa mesma criança. As duas instituições (família e educação infantil)

*Doutorado em Educação (FFC - UNESP/SP). Docente do Departamento de Educação (UEL/PR). E-mail: sleite@uel.br. ORCID: 0000-0002-4908-8379.

**Doutor em Filosofia da Educação (USP/SP). Professor adjunto no Departamento de Educação (FCLA/ UNESP/SP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (FFC/UNESP/SP). E-mail: alonso professor@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-5106-2517.

Ñuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.211-223, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.4561.

precisam interagir para que as várias dimensões: epistemológica, ética, estética, psicológica sejam trabalhadas e efetivadas nas ações realizadas com a criança.

Sabemos que socialmente, por meio das políticas públicas, são várias as legislações que contemplam a criança como sujeito de direitos na sociedade contemporânea, entre elas podemos citar: A Constituição Federal de 1988 (CF 88) que reconhece e defende a criança como um sujeito de direitos, principalmente o direito a uma educação de qualidade desde o nascimento e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente de 13 de julho de 1990, Lei 8069/90) dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos, haja vista que “[...] serviu como base para a construção de uma nova forma de olhar a criança: uma criança com direito de ser criança; direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar” (FERREIRA, 2000, p. 184).

Especificamente no campo educacional, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Lei 9394/96) que instaura a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, e determina como finalidade principal a promoção do desenvolvimento integral da criança, complementando a ação da família e comunidade: “Complementariedade pressupõe parceria, encontro e diálogo, o que se contrapõe à ideia de substituição, que supõe disputa de lugar, poder e saber nas relações com as crianças”, conforme Guimarães (2012, p. 92).

Nos anos subsequentes à aprovação da Constituição (1988) e do Estatuto (1990), diferentes documentos foram publicados pelo Ministério da Educação no sentido de contribuir para a organização de um trabalho de mais qualidade nas escolas infantis. Dentre eles, podemos destacar a Política Nacional de Educação Infantil (2006), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e Parâmetros de Qualidade na Educação Infantil (2009). Estes documentos foram importantes no sentido de garantir melhores possibilidades de organização do trabalho dos professores no interior dessas instituições. (DELGADO, 2015, p.66).

Esses avanços em termos de discurso exigem várias reflexões, no tocante ao tema, temos: Considerando que a criança permanece na instituição de educação a maior parte do dia, como possibilitar uma educação acolhedora, em que pais e professores se tornem responsáveis pelo desenvolvimento pleno da criança? Como professores e família podem interagir se responsabilizando com a educação da criança?

A formação de professores para educação infantil é objeto de permanente preocupação e construção por todos àqueles que se debruçam sobre a atividade educativa. No nosso país, levando em conta todas as dificuldades que os professores enfrentam para desempenhar suas atividades com dignidade e qualidade, entendemos como prioritário trabalhar com as relações

que se estabelecem nas Instituições de educação infantil, quais sejam, relação entre professor e criança, entre criança e criança, entre professor e família, entre família e criança.

Neste texto, especificamente, objetivamos apresentar algumas considerações sobre a importância da relação instituição familiar e instituição de educação infantil, propiciando à criança uma educação acolhedora, haja vista que as crianças que participam da educação infantil se encontram em uma fase de suas vidas em que necessitam intensamente dos adultos, pois precisam ser auxiliadas nas atividades que não conseguem ainda realizar sozinhas, precisam de atenção para que as necessidades de segurança, nutrição, higiene e saúde sejam atendidas, além de necessitarem de apoio para expressarem sentimentos e afeições, para se sentirem valorizadas, amadas e respeitadas, para que o desenvolvimento da imaginação, da curiosidade e da infância aconteça da melhor forma possível.

Assim, entendemos que este estudo é de grande importância para as práticas educativas na Educação Infantil, pois apresentando como objetivo principal analisar a relação entre família e educação infantil, temos como foco propiciar uma educação de qualidade para a criança, possibilitando aos professores que atuam neste nível de ensino novos entendimentos sobre as relações estabelecidas na instituição de educação infantil. Para tanto, propomos uma reflexão sobre alguns conceitos, são eles: conceito de família, relação família e instituição de educação infantil e pretendemos apontar os desafios para uma prática acolhedora.

Faz-se necessário ressaltar que este tema instiga nos leitores a busca por sugestões, estratégias e até mesmo ‘receita’ para motivar a participação e integração da família com a instituição educativa, mas esse não é o nosso propósito. Este texto tem como meta se constituir em momento de reflexão para os envolvidos na prática educativa, possibilidades, inquietações, indagações e aspirações para uma educação que se torne mais humana e mais acolhedora para a criança.

Partindo do pressuposto de que o professor da infância na sua atuação necessita conhecer a história de cada criança, interagindo com as famílias, sendo um pesquisador e observador em todo o processo educativo com todos os envolvidos, faz-se necessário dialogar com as pessoas que fazem parte da família da criança. Um diálogo aberto às novidades, sem preconceito ou arrogância em mostrar o saber, com vistas ao reconhecimento do outro, considerando as diferenças e possibilitando a aproximação. Uma interação saudável e afetuosa, conforme Guimarães (2012, p.89), não se trata de:

“[...] de compreender o outro com o objetivo de trazê-lo para os próprios referenciais, na busca de totalizá-lo, mas de oportunizar contato, troca, sem diluição das fronteiras. Um imenso desafio é enfrentar a alteridade na relação com a família,

desviando do julgamento de suas atitudes, da comparação, compreendendo as possibilidades e limites de diálogo com ela.

A participação da família nas instituições de Educação Infantil favorece um clima de amizade e de acolhimento para a criança e faz com que as atividades pedagógicas realizadas consigam ser ampliadas em outro espaço – a casa da criança, dando continuidade para o que foi iniciado na instituição educativa. Nesse sentido, ressaltamos que a formação do professor precisa garantir o maior conhecimento possível sobre os fundamentos das relações sociais para promover a coletividade, “[...] como prática voltada para sujeitos em construção, os educadores têm o compromisso com o respeito radical à dignidade humana.” (SEVERINO, 2001, p. 156).

Miranda, Leite e Marques (2010) enfatizam que é necessário que a escola em qualquer nível, se torne democrática, e para que isso aconteça é preciso investir na formação dos professores. Um investimento numa formação que precisa ser política, intrinsecamente ética, é preciso que o professor da educação infantil, no nosso caso, tenha uma formação que contemple as várias dimensões: ética, estética, política, técnica, relacional/psicológica, aprenda a olhar o outro e acolhê-lo, entendendo as condições históricas e sociais em que vivem as crianças e as famílias envolvidas no processo educativo: “Formar um educador não é repassar-lhe conhecimentos acadêmicos, pois isso não assegura a fecundidade de sua prática, que precisa subsidiar efetivas mudanças na sociedade pela transformação dos educandos” (SEVERINO, 2001, p. 156).

CONTEXTUALIZANDO A INSTITUIÇÃO FAMILIAR: DESAFIO PARA A INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Conceituar a instituição familiar atualmente não é uma tarefa fácil, haja vista que como instituição social a mesma se modifica culturalmente e socialmente seguindo o processo histórico da qual a humanidade faz parte. Considerando esse processo, temos como significado para a palavra família: Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto; pessoas do mesmo sangue ou não, ligadas entre si por casamento, filiação ou mesmo adoção, parentes, parentela; ou ainda; núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si relação solidária.¹

¹Significado para a palavra família retirado dos dicionários: Michaelis, Aurélio e Houaiss. Acesso em julho de 2016: <http://michaelis.uol.com.br/busca/>; <https://dicionariodoaurelio.com/>; www.dicio.com.br/houaiss.

Conhecer a história da humanidade, assim como estudos antropológicos sobre diferentes povos e culturas, refletir sobre as transformações que acontecem, esclarece-nos sobre o que é família, como existiu e como existe atualmente. “Mostra-nos como foram e são hoje ainda variadas as formas sob as quais as famílias evoluem, se modificam, assim como são diversas as concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos de uma dada sociedade”. (MIRANDA, LEITE, MARQUES, 2010, p. 107).

Sobre as famílias, Nascimento (2006, p.11) destaca que as mesmas:

[...] são formadas por diversas estruturas: por exemplo, há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um “animal de estimação”... e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho.

Com isso, percebemos que na realidade uma definição simples para a família é difícil, embora como pessoas todos conhecemos o que é família, haja vista que nascemos e vivemos em uma família, independente de sua forma, recebemos na família as condições iniciais para nos tornarmos humanos. Dessa forma, ao caracterizar a família é importante, primeiramente, realizar algumas considerações:

A família não é algo natural, biológico, mas uma instituição criada pelos homens em relação, que se constitui de formas diferentes em situações e tempos diferentes, para responder às necessidades sociais. Sendo uma instituição social, possui também para os homens uma representação que é socialmente elaborada e que orienta a conduta de seus membros. [...] a família, qualquer que seja sua forma, constitui-se em torno de uma necessidade material: a reprodução. Isso não significa que é necessário haver uma determinada forma de família para que haja reprodução, mas que esta é condição para existência da família. (REIS, 2001, p.102).

Assim, podemos ressaltar que não existe uma forma única de família, na sociedade existem diferentes tipos de família, constituídas por grupos que habitam o mesmo espaço físico ou que, pelo menos, mantêm certa proximidade, ou seja, existem diferentes configurações familiares. O conceito de família foi ampliado, as categorias chefe do domicílio ou chefe de família têm a substituição por pessoa responsável pela família ou domicílio, o que reflete um grande esforço em romper com os esquemas que perpetuam o gênero masculino (NASCIMENTO, 2006).

Ressaltamos que mesmo passando por tantas transformações, a família continua sendo peça chave para o desenvolvimento humano e para a construção do eu pessoal e social. Especialmente no século XX, com o crescimento populacional, com a globalização da economia, com o aumento da comunicação e da urbanização, e principalmente com as mudanças que afetaram a condição feminina com o ingresso das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, com os movimentos sociais em busca dos direitos para ambos os

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.211-223, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.4561.

sexos e com o crescimento e o processo de valorização da educação infantil, grandes mudanças se deram nas relações entre os membros que fazem parte da família. Segundo Sambrano (2006, p.143)

Nesse processo de renovação de valores e crenças acerca da condição da mulher, o movimento feminista tem especial responsabilidade, aliado a aspectos chave da nova posição da mulher na cultura e na sociedade, como por exemplo, sua inserção no mercado de trabalho, sua emancipação e sua reivindicação por redefinições dos papéis sociais e familiares. (SAMBRANO, 2006, p.143).

As mulheres conquistaram espaço na sociedade, atuando em vários setores do mercado, possibilitaram grandes mudanças no seio familiar, quais sejam: transformações na rotina, no relacionamento entre marido e mulher, redução na autoridade do lar quando a mulher se torna participante no orçamento familiar, mudanças no tratamento com as crianças, sendo que por esse motivo, a maioria das crianças acaba por ser cuidada por outras pessoas (avós, tios, professores em instituições de educação infantil).

Ainda tratando sobre as alterações nas configurações familiares relacionadas ao papel da mulher, faz-se necessário ressaltar que muitas famílias hoje são concebidas como *famílias mescladas e monoparentais*², uma peculiaridade de sociedade de alto desenvolvimento industrial, sendo caracterizada no primeiro caso consiste numa família onde ao menos um dos parceiros do novo casal teve um filho de uma união precedente, no segundo caso pela convivência de um só dos responsáveis com o filho ou com os filhos, de forma que a maior parte do empenho educacional e das atividades familiares se concentra em suas mãos.

Essas mudanças afetam diretamente os papéis e a função dos membros da família, influenciando diretamente a educação das crianças pequenas neste ambiente familiar, mesmo assim o primeiro papel de educação e socialização da criança acontece na família: “Em se tratando de socialização, a família não é o único local onde ela acontece, mas certamente é um âmbito privilegiado e uma unidade básica no processo socializador.” (SAMBRANO, 2006, p. 145). É preciso perceber que todas as alterações na estrutura familiar e o contexto econômico e cultural da atualidade corroboram com o ingresso cada vez mais precoce em instituições de Educação Infantil, diminuindo o tempo que essas crianças permanecem em suas famílias.

²Sobre este assunto podemos citar pesquisa realizada pela socióloga Elisabete Bilac, do Núcleo de Estudos Populacionais da Unicamp, que informa que muitas mudanças aconteceram nas últimas três décadas, sendo anteriormente 70% das famílias eram nucleares e atualmente, menos da metade das famílias seguem o modelo nuclear. Outro aspecto interessante com relação às características familiares são as *famílias extensas*, que se deve principalmente à maternidade e à paternidade solteira, que resultam na coresidência de pais com filhos e netos. Da perspectiva da criança, tal situação implica a maior presença de avós e tios em seu cotidiano e menor presença de irmãos e pai coresidente. (BILAC, 2014, p. 142).

Para a Educação Infantil, como para qualquer outro nível de ensino, faz-se necessário destacar “[...] a importância da família tanto ao nível das relações sociais, nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele”. (MIRANDA, LEITE, MARQUES, 2010, p. 108). Conhecer a história e caracterizar as diferenças existentes é de suma importância para o educador, embora seja ímpar entender que existem diferenças nas configurações familiares, valorizar a função primeira da família que se constitui como o primeiro nós a que o indivíduo se refere é o que mais importa.

A RELAÇÃO ENTRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A INSTITUIÇÃO FAMILIAR: DESAFIOS PARA UMA PRÁTICA ACOLHEDORA

Na infância, os aspectos relacionados ao cuidado e ao acolhimento são prioritários para que o desenvolvimento da criança aconteça. Delgado (2015) destaca que é importante discutir e demonstrar a importância das ações que envolvem os cuidados, pois são indispensáveis para as interações humanas. As crianças precisam se sentir seguras, protegidas, vinculadas com os adultos que estão na figura de cuidador mais próximo, sejam eles, pais, professores ou os responsáveis por ela: “Ainda que pouco discutido na literatura, pode-se afirmar que há uma beleza invisível no ato de cuidar, sobretudo nos gestos que acolhem, que confortam, que respeitam e que humanizam os pequenos” (DELGADO, 2015, p. 63).

Uma educação acolhedora se efetivará com ações realizadas junto às crianças com atenção, cuidado, acolhimento, afeição, carinho, com a família e a instituição de educação infantil atuando de forma integrada e assumindo suas responsabilidades. Neste estudo, além de apresentar a importância da relação entre família e escola, pretende-se ratificar a importância da indissociabilidade entre cuidados e educação das crianças, pois, conforme aponta Ferreira (2003, p. 12), o processo de cuidado “[...] e de ensino e aprendizagem é mais efetivo e prazeroso quando há uma real sintonia entre quem cuida e quem educa, entre quem ensina e quem aprende”. Dessa forma, partindo de estudos apoiados na Filosofia da Educação percebemos que o conceito de cuidado, ponto principal para este estudo, não se relaciona apenas e exclusivamente ao cuidado corporal ligado à necessidade de higiene e alimentação.

O cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana. Macêdo e Dias (2006) afirmam que o termo cuidado é derivado do latim *cogitatus* e que apresenta uma dupla função de entendimento. No primeiro sentido, refere-se à atividade de pensamento, com a função de adjetivo e participio do verbo cuidar, implicando em pensado, calculado, suposto,

meditado. O segundo entendimento da palavra refere-se ao campo das emoções, com a função de substantivo masculino, significando desvelo, solicitude, diligência, vigilância, precaução.

Dessa forma, pode-se afirmar que a prática do cuidado também apresenta duplo sentido, um no campo da ação do pensamento, reflexão, e outro no campo da aplicação do espírito, apresentando-se em atitudes de relacionamento para com o outro, ou seja, cuidar abrange aspectos cognitivos e afetivos, cuidado como acolhimento do outro.

Assim, o cuidado, numa perspectiva de acolhimento, se relaciona com a dimensão ética na prática educativa, o ser humano precisa ser visto como pessoa, ou seja, valorizado e respeitado como pessoa e a atuação daqueles que estão envolvidos no processo educativo precisa proporcionar aos que estão na condição de aprendentes as possibilidades de se construírem como seres humanos. O aprender precisa significar uma mudança de participação em práticas sociais, que passa de um envolvimento periférico e superficial para uma integração plena na comunidade, no grupo do qual a criança faz parte, sendo que para tanto, uma educação ética, que privilegia o cuidado e o acolhimento pode auxiliar e se efetivar como uma arte de viver, valorizando o espaço familiar e educativo como comunidade de aprendentes, em que a aprendizagem se torna um projeto de ação partilhado.

Szymanski (2009) ressalta que, nesta sociedade complexa em que vivemos, é preciso pensar cada vez mais o intercâmbio entre as instituições educacionais, formais e informais: “É importante considerarmos as diferentes formas de relações sociais propostas pelos vários contextos sociais pelos quais transitamos, para que venha a se instaurar uma relação horizontal e dialógica, em especial entre a família e a escola.” (SZYMANSKI, 2009, p.15).

A relação entre a família e o Centro de Educação Infantil é importantíssima, sendo a escola a primeira experiência da criança com um ambiente educacional coletivo, portanto, o ingresso da criança na instituição educativa é um momento que inclui o aspecto emocional e afetivo, merecedor de atenção tanto para a família que enxerga e avalia a instituição sob a ótica individual da criança, como para os professores, que tem em vista o interesse coletivo objetivando o desenvolvimento integral de todas as crianças. São expectativas diferentes que precisam ser unidas para além das relações de poder, rompendo com a condição assimétrica em busca de uma consciência de igualdade e respeito mútuo (SAMBRANO, 2006, p. 150).

Nessa perspectiva, as reflexões sobre o desenvolvimento das crianças implicam discussões sobre a educação e o cuidado como principal responsabilidade e, conseqüentemente, o acolhimento em decorrência. Faz-se necessário valorizarmos o ser e estar junto, os momentos em que estamos com as crianças. Criar outra forma social de cuidado. É preciso cultivar aquilo de que se cuida, fazer frutificar e transformar as relações

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.211-223, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.4561.

que se estabelecem no interior das instituições de Educação Infantil, ampliando-as para a instituição familiar, de tal modo que educar as crianças exija formá-las para tomar cuidado de si própria e dos outros, e não só deixá-las receber cuidados dispensados por um poder, qualquer que ele seja, e em nome de alguns saberes, quaisquer que eles sejam (BORGES-DUARTE, 2010). Nesse sentido, Macêdo e Dias (2006, p.5) afirmam:

O processo de cuidado e educação das crianças pequenas se torna mais efetivo e, por conseguinte, prazeroso quando há um envolvimento real, uma sintonia entre quem cuida e quem é cuidado, por meio da qual a professora é capaz de ler as múltiplas expressões das crianças, suas formas diferenciadas de comunicação e ação e intervém no sentido de acolher e envolver a criança no espaço educativo, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma, o que pressupõe a indissociabilidade de ambas as ações.

Corroborando com as ideias de Sambrano (2006), Guimarães (2012), Szymanski (2014) é preciso perceber as influências que o contexto educacional provoca na família e vice-versa, sem esquecer que a criança é o principal elo entre as duas instituições. O mundo ao nosso redor é instigador, provocador, facilitador de novas aprendizagens e conhecimentos e o ambiente familiar com uma íntima relação com a instituição educativa se apresenta também como lócus de desenvolvimento e continuidade das ações pedagógicas realizadas na escola, portanto há que se considerar uma aproximação consciente e dialógica entre as duas principais instituições sociais que atuam junto à criança pequena.

Uma aproximação dialógica pode e deve ser entendida como um movimento em direção a uma prática que reconheça e valorize a horizontalidade. A abordagem pelo diálogo é importantíssima, haja vista que por meio de um olhar acolhedor as famílias passam a confiar na Instituição Escolar socializando seus conhecimentos, valores e cultura e para criança essa parceria se constitui uma experiência fundamental. Portanto, o diálogo “[...] cumpre sua função na práxis libertadora quando é instituído como caminho para a constituição de sujeitos num processo de humanização e como ato de criação para a libertação dos homens para *serem mais*³.” (SZYMANSKI, 2014, p. 36).

A dimensão ética na prática educativa das famílias e da instituição educativa potencializa os momentos em que possibilitamos às crianças constatar, escolher, decidir, romper, avaliar, comparar. É na relação com o outro, nas trocas, na relação com o coletivo e com o ambiente que o exercício da ética acontece e que se constrói a responsabilidade. Muitas vezes, a relação existente entre família e escola não acontece pela falta de entendimento e de compromisso com uma educação que se quer mais crítica e humanizadora, voltando-se apenas

³Grifo do autor. “*Serem mais*” numa perspectiva ética em que existe uma possibilidade de desvelar novos horizontes, conhecimentos na elaboração da própria história. (SZYMANSKI, 2014)

Ñuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.211-223, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.4561.

à polarização entre os envolvidos. Nesse sentido, somente pela prática do diálogo acontecerá o avanço e a integração entre a família e a instituição de educação infantil. Sobre isso, Szymanski (2014, p.35) afirma que dialogar significa:

Instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções; considerar os fundamentos éticos da educação; transmitir o conhecimento e a interpretação de mundo. Não significa ausência de conflitos, pois eles estão presentes na dialética do vivido e do pensado. É na superação que se constrói um novo saber. (SZYMANSKI, 2014, p.35).

A integração entre família e escola numa perspectiva dialógica, tem como foco o outro e o relacionamento entre os envolvidos contribui para uma educação democrática e acolhedora, numa prática pedagógica que prioriza a emancipação da criança, sujeito de direitos e entendida como cidadã, em que a família é incluída como protagonista no cotidiano da atividade educativa, sendo convidada a participar dos momentos de planejamento, das atividades com as crianças, possibilitando assim momentos em que os conhecimentos da família podem ser aproveitados na instituição de educação infantil, como também o oposto, pois na maioria das vezes as famílias querem conhecer e aprender mais sobre o desenvolvimento infantil.

Guimarães (2012) e Sambrano (2006) afirmam que é preciso pensar como fazer a família se sentir convidada a participar. Primeiramente, é preciso um trabalho formativo com os professores no interior das instituições, para que os mesmos possam enfrentar a alteridade⁴ na relação com as famílias, alterando o entendimento de julgar, comparar, concebendo as possibilidades e limites do diálogo. A atuação de professores conscientes da importância da relação com a família se constitui na medida em que a profissional utiliza o ambiente familiar para explicar e entrosar a criança na escola reportando-se a experiências vivenciadas pela criança em suas residências. É preciso “[...] levar em conta o direito das crianças a relações seguras. O trabalho sobre/com os relacionamentos é também um trabalho pedagógico. É importante que seja planejado, avaliado, revisto, discutido, reencaminhado sistematicamente” (GUIMARÃES, 2012, p. 99).

Por meio desse novo modo de olhar, a participação da família vai além de simples reuniões e atividades festivas. A comunicação entre os envolvidos, que se constrói numa relação de respeito e confiança, implica em que as relações de poder sejam horizontais e busquem cada vez mais uma educação democrática, pois as famílias são as principais aliadas

⁴Alteridade implica em considerar a diferença, levando em conta o estranhamento que produz obstáculo ao reconhecimento do outro. Segundo GUIMARÃES (2012), a diferença entre alteridade e diferença está na perspectiva de assumir o outro como ele é, sem comparações e sem julgamentos, haja vista que cada um contribuirá segundo seus limites e possibilidades.

Ñuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.211-223, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.4561.

no desenvolvimento da Proposta Pedagógica elaborada para o desenvolvimento da criança. O conhecimento da proposta pedagógica, que engloba todas as realizações e aspirações da instituição educativa é uma forma de iniciar e intensificar a comunicação e a interação com os responsáveis pela criança, possibilitando até mesmo uma formação para as famílias sobre questões que envolvem disciplina, limites, diferentes culturas, desenvolvimento infantil, como também uma troca com os professores, sobre concepções e ideias da família sobre a infância, que variam de acordo com a história de cada um.

Na especificidade da Educação Infantil, temos as mensagens informativas caracterizadas pelos bilhetes na agenda, já que muitas crianças não conseguem transmitir as informações. As mensagens e os contatos rotineiros nos momentos de entrada e de saída que fortalecem os vínculos entre os atores educacionais e por meio de um clima de informalidade promovem a parceria e o envolvimento da família com o desenvolvimento infantil. É preciso que haja um clima de pertencimento, existindo um incentivo à permanência dos responsáveis da criança na instituição, principalmente nos primeiros dias de adaptação, conservando esses momentos também no dia a dia com atividades que utilizem ao menos um representante da família. (SAMBRANO, 2006).

Neste caminho é importante também incluir a presença familiar, mesmo quando a família não está presente fisicamente. Isso pode ser feito quando a professora nomeia a mãe ou outra figura familiar significativa para a criança no dia a dia, comenta sobre qual roupa/objeto foi colocado por ela na mochila, anuncia a proximidade de sua chegada de sua chegada na hora da saída, dentre outras oportunidades de qualificar e apontar a presença do outro-família. (GUIMARÃES, 2012, p.97).

Estas formas de relacionamento sinalizam o entendimento de valorização das famílias, vislumbrando um trabalho coletivo, o compromisso de cada parte numa visão de totalidade, em que cada um assuma suas respectivas responsabilidades.

Assim, reafirmamos a importância desta temática na busca de uma educação acolhedora que promova o desenvolvimento infantil em que as crianças se sintam valorizadas como pessoas e valorizem o outro como pessoa. Reconhecemos que com a realização de práticas que fortaleçam o vínculo família e escola e com a definição de propostas pedagógicas concretizadas que favoreçam o diálogo e a negociação será possível fomentar novas formas da criança ver e sentir o mundo.

Sobretudo, práticas pautadas em valores que proporcionem às crianças direito de expressar seus pontos de vista, de ter voz e vez, com possibilidades de compartilhar ideias, experimentar o mundo, transformando a Instituição de Educação Infantil num espaço de comunicação, de apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, de humanização. Dessa

forma, o que acreditamos é que não existe educação humanizadora, a favor da participação e da democracia, sem considerar os seres humanos como dotados de personalidade e integrantes de uma sociedade historicamente determinada. Como professores faz-se necessário atuar em favor de uma educação solidária com práticas coletivas de trocas de experiências, valores e apropriação verdadeira da cidadania. Uma educação acolhedora e capaz de humanizar as nossas crianças.

RELATIONSHIP BETWEEN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND FAMILY: IN SEARCH OF A WELCOMES EDUCATION.

Abstract: The purpose of this paper is to present considerations about the importance of the relationship family institution and early childhood institution, in order to provide the child a cozy education. An education that will be realized with shares of care and care, affection and caring, family and school assuming their responsibilities and acting in an integrated manner. Therefore also will point out the inseparability of care and education, as a way of enhancing actions that favor human interaction. Thus, this paper aims to provide time for reflection for all those involved in the educational practice, presenting options, concerns, questions and aspirations for education to become more human for the child. We believe that the practices carried out in a warm environment where children, their families and teachers have voice and time, with opportunities to share experiences and ideas transform the school into a humanizing space.

Keywords: Child education. Family. Child. Care.

RELACIÓN ENTRE LA EDUCACIÓN INICIAL Y FAMILIA: EN BÚSQUEDA DE LA EDUCACIÓN CONGRATULA.

Resumen: El propósito de este trabajo es presentar consideraciones sobre la importancia de la institución relación familiar y la institución de la primera infancia, con el fin de proporcionar al niño una educación acogedora. Una educación que se realizará con acciones de atención y cuidado, el afecto y el cuidado, la familia y la escuela, asumiendo sus responsabilidades y que actúan de una manera integrada. Por lo tanto también señalar la inseparabilidad de la atención y la educación, como una forma de mejorar las acciones que favorezcan la interacción humana. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo proporcionar un tiempo de reflexión para todos los implicados en la práctica educativa, presentando opciones, inquietudes, preguntas y aspiraciones para la educación a ser más humano para el niño. Creemos que las prácticas llevadas a cabo en un ambiente cálido donde los niños, sus familias y los maestros tienen voz y tiempo, con la oportunidad de compartir experiencias e ideas transformar la escuela en un espacio de humanización.

Palabras clave: Educación infantil. Familia. Niño. Cuidados.

REFERÊNCIAS

BILAC, E. D. Família e Trabalho: articulações possíveis. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, junho de 2014, p. 129-145.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. *Lei nº 8.069*, de 13 de junho de 1990.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. *Lei nº 9394*, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

DUARTE, I. B. **A Fecundidade Ontológica da Noção de Cuidado** de Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo. In: **Ex æquo**, n.º 21, Universidade de Évora, 2010, p. 115-131

DELGADO, J. Entre os saberes e práticas das professoras de educação infantil: um estudo sobre os cuidados na primeira infância. **POIÉSIS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Unisul, Tubarão, v.9, n.15, Jan/Jun 2015, p. 63-79.

GUIMARÃES, D. **A relação com as famílias na Educação Infantil**: o desafio da alteridade e do diálogo. In: VAZ, A. e MOMM, C. M. *Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis/RS: Nova Harmonia. 2012, p. 88-100.

MACÊDO, L. C.; DIAS, A. A. **O Cuidado e a Educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil**. In: *29ª Reunião Anual da ANPED*, 2006, Caxambu, MG. Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos, 2006.

MIRANDA, M; LEITE, S. R. M; MARQUES, E. **Família e Escola**: elementos para uma participação democrática. In: VIEITEZ, C.; DAL RI, N. (Orgs) *ORG & DEMO*, Marília: Oficina universitária, 2010, v.11, n.1, jan/jul, p.103-120.

NASCIMENTO, A. M. **População e família brasileira**: ontem e hoje. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2016.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. **Psicologia Social**: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FERREIRA, M. C. R. A necessária associação entre educar e cuidar. **Pátio Educação Infantil**. nº 01. Abr/Jul, 2003, p. 10-12.
_____. (Org). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2000.

SAMBRANO, T. M. Relação Instituição de Educação Infantil e Família: um sonho acalentado, um vínculo necessário. In: **Educação Infantil**: para quê, para quem e por que? Campinas: Editora Alínea, 2006, p. 139-155.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Líber Livro, 2009.

Recebido em julho de 2016.
Aprovado em maio de 2018.